

PRIMEIRO ARTIGO DE OLIVEIRA LIMA

O erudito bibliotecário do Instituto Histórico do Rio de Janeiro, sr. dr. Vieira Fazenda, cuja personalidade é familiar a quantos servem o culto do nosso passado, do qual é um estudioso apaixonado e original, apelou, entre outras, para minha opinião quanto ao objeto e causa da viagem ao Brasil de Gustavo Beyer, sueco que esteve na Bahia, Rio de Janeiro e São Paulo no decorrer de 1813 e cujas impressões, de todos nós desconhecidas, se achavam consignadas desde 1814 num pequeno volume impresso em Estocolmo.

Deste volume, existente em duplicata na biblioteca particular do rei Oscar da Suécia, teve o Instituto Histórico de São Paulo conhecimento e pôde obter o gracioso oferecimento de um dos exemplares, encarregando-se o sr. Alberto Loefgren da sua tradução, que figurará no próximo tomo, o XII, da revista da mesma associação.

Não tem o público outro critério, nem poderia encontrar melhor, para aferir a operosidade e importância de tais sociedades, senão o que lhe oferece o aparecimento anual desses volumes, nos quais se concentra o trabalho de seus membros mais ilustres ou mais prestimosos. A associação vale pelo que estes membros valem e pelas tradições que representa, isto é, pelo valor dos que se foram. Ora, a Revista do Instituto Histórico de São Paulo é deveras interessante em si, nenhuma outra se lhe avantajando presentemente, pouquíssimas mesmo a igualando.

A variedade nas suas contribuições, a freqüência dos seus ensaios originais e a abundância da sua documentação, cujo campo abrange mais que o Estado sobre que se diz exercer a atividade da associação tornam-na atraente para o entendido como para o leigo em assuntos históricos brasileiros, e abonam a orientação que desde o seu início recebeu aquela publicação, hoje principalmente afeta à direção inteligente e cuidadosa do sr. dr. Alfredo de Toledo, versadíssimo na matéria e, como todo paulista, justamente cioso das glórias e da grei a que pertence.

É muito difícil, senão impossível, à falta de informações alheias ao próprio livro, satisfazer a pergunta do sr. dr. Vieira Fazenda e dizer por

que motivo veio Beyer ao Brasil. Os viajores dessa época obedeciam todos no geral a móveis comerciais, como Mawe e Luccock, ou a móveis científicos, como Spix e Martius. Seria fácil num e noutro caso conhecê-los, quando mesmo nos fossem alheias suas biografias. Os primeiros abundam em dados econômicos e financeiros, os segundos em dados botânicos, mineralógicos ou zoológicos. Nuns prevalece a terminologia bancária, nos outros a tecnologia particular à história natural.

O volume anterior da "Revista do Instituto Histórico de São Paulo" inseriu a tradução da viagem a Minas Gerais, nos anos de 1814 e 1815, do alemão G. W. Freyreiss, que em 1816 o príncipe Maximilino de Wied-Neuwied encontrara explorando o Espírito Santo e poucos anos depois morria no sul da Bahia. Quando fosse anônima sua relação, apareceria sem contestação possível como o trabalho de um naturalista. Entretanto, apontam na obra observações sociais dignas de nota e, sobretudo, o tratamento dos índios e os horrores do tráfico mereceram do autor descrições minuciosas e verdadeiras, em capítulos que se lêem com aproveitamento.³⁷

Com Gustavo Beyer a coisa é diferente. O que se pode depreender é que não era de profissão naturalista e que tampouco era homem de negócio. Seus conhecimentos de história natural serão taxados de vulgares; suas preocupações mercantis aparecem nulas. Dicionário algum de biografia ou enciclopédia que consulte dá fé dele. É literariamente um esquecido, cientificamente um desconhecido. Por que não fazê-lo entrar noutra categoria, modernamente tão desenvolvida, dos viajantes por simples distração, dos turistas por desfastio, dos "globe-trotters" por curiosidade?

O Brasil recém-aberto aos estrangeiros, vagamente conhecido como a terra maravilhosa do ouro e dos diamantes, agora chamando fortemente a atenção pelo fato de para sua capital se haver transferido uma das velhas cortes européias, desafiava uma visita que os paquetes ingleses de Falmouth tornavam possível, regular e até cômoda para o tempo, ainda que não de todo segura pela guerra que no mar fizeram justamente em 1812 e 1813 os americanos aos ingleses, e pelas depredações dos piratas que dos portos dos Estados Unidos saíam com bandeira insurgente.

O calor das recomendações que levou para São Paulo e que puseram em movimento o próprio capitão-general Marquês de Alegrete; a companhia em viagem, num pé de intimidade do conde Nicolau von Pahlen,

(37) Freyreiss, G. W. - *Viagem ao interior do Brasil nos anos de 1814 e 1815*, em "Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo", vol. XI, págs. 1907. Tirado em volume pela Editora Itatiaia, de Belo Horizonte, integrando a coleção "Reconquista do Brasil", nova série, vol. 57. 1982.

que devia ser parente, talvez filho ou irmão do ministro russo que em 1812 chegou ao Rio, transferido de Washington; a atenção prestada nas suas observações à feição mundana da vida brasileira, são circunstâncias todas que denunciam em Beyer um homem de boa sociedade. Nem é de surpreender ou de natureza a contrariar essa impressão o fato de, segundo se deduz do livro ser o autor dado, ou amador mais pela certa, de pesquisas geológicas. A história natural invadira no século XVIII com estrépito a educação cuidada, e entre a melhor classe tornara-se até mania absorvente. Buffon, o clássico Buffon era um gentil homem, para só citar esse, e dos que nos visitaram e no nosso país viajaram extensa e proveitosamente, o príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied dedicava-se com fervor à etnografia, afora a zoologia e a botânica.

Não penso, como aventa a hipótese o sr. dr. Vieira Fazenda, que tivesse Beyer talvez travado conhecimento na Suécia com José Bonifácio e Ferreira da Câmara, ou que sua vinda ao Brasil se relacionasse com a fábrica de ferro de Ipanema. Nada consta do livro em abono de uma ou de outra suposição, que haveria sido confirmada ao falar-se no citado estabelecimento metalúrgico ou ao referir o autor seu encontro com Martim Francisco em casa do cônego Oliveira Bueno, que na Paulicéia o hospedara. Admitido que fosse Beyer um homem de alta roda, é mister ter presente que o meio social em que na Europa do norte se moveram o paulista e o mineiro foi o meio especial dos universitários e dos sábios onde lucravam intelectualmente, não o que se chama por um galicismo, o mundo. Os cientistas recebiam a proteção dos príncipes, quando estes eram esclarecidos, mas não formavam propriamente a sua corte. O caso de Weimar, do seu grão-duque mecenas e do olímpico Goethe, não era a regra. De ordinário, o círculo intelectual e o cortesão moviam-se em redor do trono sem se confundirem.

A simpatia de Beyer pela nossa terra e pela nossa gente, a benevolência das suas observações, a ausência de notas ridículas ou malignas são de bom tom, traem o cavalheiro. Também podiam trair o sábio, comumente otimista; nenhum viajante foi mais condescendente do que foram Spix e Martius. Vê-se, porém, que agradou a Beyer encontrar no Brasil um pouco de convivência, aquilo a que andava habituado na Europa e que tanta falta aqui lhe teria feito.

A novidade de sua obra está unicamente, em minha opinião, em que descreve um aspecto paulista do tempo, que escapou a outros viajantes coevos ou de que não fizeram suficiente menção, e vem a ser a franqueza e largueza do seu intercurso social. Beyer e von Pahlen eram hóspedes de distinção, e assim foram tratados com primorosas atenções, que não

ultrapassaram contudo os limites discretos da fina educação. Da sua estada em São Paulo guardavam, pelo que se nota, uma lisonjeira e duradoura recordação.

Não tento para aqui transplantar resumidas e despidas do sainete original as observações e sensações paulistas do viajante sueco. Na tradução do sr. Loefgren vão elas ficar ao alcance de qualquer um. O que somente pretendi foi corresponder, embora negativamente, ao amável apelo do sr. dr. Vieira Fazenda, encarecer mais este serviço histórico do Instituto Paulista e a boa crítica que se revela na composição da sua revista, e mostrar ligeiramente o interesse da relação agora revelada aos que entre nós, e vão felizmente avultando em número, estimam esse gênero de leituras. Rio, novembro de 1907.

(De "O Estado de S. Paulo, de 9 de dezembro de 1907).

*

SEGUNDO ARTIGO DE OLIVEIRA LIMA

O viajante sueco Gustavo Beyer está identificado, e é perfeitamente conhecido o motivo de sua viagem ao Brasil em 1813. Efetivamente, como me quis parecer pela leitura de sua relação nas provas da Revista do Instituto Histórico Paulista, que me foram amavelmente comunicadas pelo sr. dr. Alfredo de Toledo, não se trata nem de um homem de ciência nem de um homem do comércio, sim de um homem de posição social. Apenas, este homem tinha um negócio a tratar e sua viagem não foi rigorosamente de prazer, posto que deva encerrar incomparável prazer a cobrança efetiva de uma dívida.

Gustavo Beyer veio da Suécia a São Paulo expressamente para receber, ao que se diz, do diretor da fábrica de ferro de Ipanema dez mil cruzados que este seu compatriota lhe devia. Como a quantia não era tão avultada que por si valesse tão longínqua viagem, se fosse um sacrifício, não é fora de propósito julgar que a curiosidade da terra entrava por alguma coisa na sua determinação.

Quando, pela carta-régia de 4 de dezembro de 1810, se criou o "estabelecimento montanístico de extração do ferro das minas de Sorocaba"

por meio de uma companhia de que o governo tomava metade das ações, o ministro e o cônsul de Portugal na Suécia foram encarregados de contratar operários competentes e um mestre de forjas experimentado. O ministro era Joaquim Lobo da Silveira, mais tarde plênipotenciário em Viena; o cônsul, certamente honorário, Gustavo Beyer ou Bayer. É bem provável que este fosse o tradutor da obra de Lobo da Silveira *Skizze von Brasilien*, publicada em Estocolmo em 1809, e naturalmente preparada no intuito de dar a conhecer o país para onde se mudara a corte portuguesa.³⁸

Aproveitou Beyer da ocasião, única que se oferecia, para colocar como diretor da fábrica brasileira um tal Hedberg, dono de forjas ou arrendatário de minas que falira e de quem era credor. Fê-lo na esperança, que o futuro não desmentiu, de que uma vez em posição vantajosa, viesse aquele a pagar-lhe o débito. Isto foi o que, na expressão de Varnhagen, houve de vergonhoso no contrato elaborado e firmado por nossa autoridade consular. O ministro entrou aí, como muitas vezes acontece em casos análogos, da mesma forma que Pilatos no Credo.

O nosso grande historiador nutria pela fabrica de Ipanema um interesse muito vivo e muito justificado pelo fato de ter seu pai vindo de Portugal, onde geria um estabelecimento da mesma índole, com o fim de examinar as condições das minas de Sorocaba e formular o plano da fundação que, logo depois de Hedberg, entrou a dirigir. Melhor se poderia dizer a corrigir, porquanto a primeira administração deixou muitíssimo a desejar. Varnhagen acusa Hedberg de haver desde o princípio abusado das ótimas intenções do conde de Linhares.

O Senador Vergueiro conta as coisas com todas as minúcias desejáveis na sua memória histórica sobre a fundação da fábrica de São João do Ipanema, impressa em Lisboa em 1822 e reimpressa ali em 1858, juntamente com a correspondência do tenente-coronel Varnhagen e outros documentos sobre o assunto.³⁹ Segundo o autor, Hedberg andava no Brasil fiscalizado de perto por dois estrangeiros de distinção, seus credores por somas largas, que recebiam o que ele ia adquirindo com seu salário e a suas espertezas. Beyer, que chegou bastante depois e não tomava parte naquela singular exploração, tão satisfeito ficou, porém, com o resultado prático da

(38) Desta obra de Lobo da Silveira, editada originalmente em alemão, publicou-se no ano seguinte uma edição em sueco. Ver Moraes, Rubens Borba de - *Bibliographia Brasiliana*, II, 813. Segunda edição. UCLA/Kosmos, Los Angeles/Rio de Janeiro, 1983.

(39) Vergueiro, Nicolau Pereira de Campos - *Memória histórica sobre a fundação da fábrica de ferro de S. João de ypanema na Provincia de S. Paulo*. Lisboa, Typ. Rollandiana, 1822 - *Subsídios para a História do Ypanema*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1858. - Há edição moderna, promovida pelo Senado Federal, na preciosa coleção "Bernardo Pereira de Vasconcelos", V. XI. Brasília, 1978

sua viagem que, ao regressar para a Europa, publicou no “Investigador Português”, de Londres (nº 29) uma “pomposa e inexacta carta” afirmando com relação à fábrica coisas “fabulosas”, entre outras que se estava trabalhando com toda a atividade no forno alto, quando tal não sucedia absolutamente.

Nesta carta, firmada só com o inicial de seu apelido, declara Beyer corresponder com sua informação de testemunha ocular ao desejo manifestado pelo redator do citado periódico, o qual era subvencionado pela legação portuguesa em Londres na intenção de rebater os constantes ataques do “Correio Braziliense” e, depois, do “Portuguez”, em cujas páginas eram defendidas as doutrinas liberais ou constitucionais.

Receava somente o viajante sueco que o seu “limitado saber” de obras da natureza da fábrica por ele chamada, com um sabor de etimologia grega, de Hyppanema, em vez de seguir a pretensa grafia tupi de Ypanema, tornasse muito imperfeita aquela sua exposição. Via-se, por isso, obrigado a ser muito sucinto para errar menos. E foi com efeito muito lacônico, sem contudo deixar de indicar os muitos trabalhos realizados nos três anos decorridos de 1810 a 1813, acrescentando não existir estabelecimento igual no “inteiro e infinito continente americano” e concluindo por proclamar que tal fundação provinha da sábia vontade do príncipe-regente e era fruto do patriotismo e luzes de um grande ministro.

Foi em 1810 que, incumbido de tanto, apresentou Varnhagen seu plano de montagem da fábrica, cujos antecedentes já eram seculares. Achou-o estreito Linhares, sempre grandioso nos projetos, não lhe dando também andamento por estar para chegar a colônia profissional entrementes contratado na Suécia.

Com Hedberg, cujo vencimento estipulado era de um conto e seiscentos mil réis anuais, vieram, além dos operários, o capitão de marinha Danckwart, de quem fala Beyer mais de uma vez na sua relação de viagem, Printzenhold, filho de um dos credores do falido, síndico de fato, no nome secretário, e o barão de Fleming, outro credor que, na frase de Vergueiro, veio ver o Brasil. Não sei se seria este o mesmo Fleming que por ocasião da aclamação de D. João VI exercia as funções de ministro da Prússia no Rio de Janeiro. O velho Varnhagen também acompanhou para Ipanema a colônia escandinava, na qualidade de procurador dos acionistas.

Apesar dessa fiscalização, que a outra particular contrariava, a administração de Hedberg foi infeliz, assevera Vergueiro que dolosa. Quando o despediram, apresentou o diretor contas de grão-capitão e, antes, pretendia invariavelmente lesar, urgido pelos credores, os interesses que

em má hora lhe tinham sido confiados. No volume segundo de seu excelente trabalho *As minas do Brasil e sua legislação*, faz o sr. Pandiá Calógeras, segundo Vergueiro e também Eschwege, a triste e detalhada história desse monumental conto do vigário.

A ser verdade quanto se conta, os operários contratados por preços altos para o governo que os pagava pela mão de Hedberg, o qual enganava a uns e a outros, eram oficiais de outros misteres guindados à posição de mineiros, serradores e serralheiros, rótulos com que foram exportados. Haverá nisto quiçá exagero, tanto de Varnhagen, que desejava encaminhar a fábrica a seu modo, que foi de certo muito superior, como de Vergueiro, amigo do primeiro. Não teria sido difícil, nem mais dispendioso trazer da Suécia operários destros para o trabalho a que se destinavam. Com quaisquer era possível fazer trapaça nas contas.

Com relação especialmente a Beyer, sua viagem ao Brasil pareceu no momento tão estranha aos que desconheciam seu objetivo real e a não supunham desinteressada, que Napion, encarregado em 1812 de inspecionar as obras, manifestava que a vinda do sueco dava que pensar não somente a ele como a muitas pessoas. Imaginava-se que, natural de uma país fabricante e exportador de ferro em larga escala, posto que agente consular de Portugal, seu intuito secreto era fazer mal por qualquer modo à fábrica de Sorocaba.

Já vimos que o fito de Beyer era menos nacional e mais pessoal. Hedberg devia-lhe bem como a Fleming e ao pai Printzenhold, e os três credores no seu interesse particular pretenderam melhorar a sorte do devedor comum insolvente. Dois, mais suspicazes ou mais sôfregos, acompanhavam-no para maior segurança; o terceiro veio mais tarde, na boa ocasião, liquidar o débito que para com ele existia.

Suum cuique... É mister ainda referir como se procedeu a esta identificação. Ao ler o artigo do sr. dr. Vieira Fazenda, o ilustrado sr. dr. Piza e Almeida, presidente do Supremo Tribunal Federal, escreveu-lhe lembrando que a "História Geral" menciona na primeira edição um sueco de nome Bayer. Achando discordância na ortografia do nome e já tendo feito apelo a terceiros no seu folhetim, o dr. Fazenda não seguiu a pista em Vergueiro, aliás citado por Varnhagen. Fê-lo com seu faro habitual e com o sucesso indicado o sr. dr. Alfredo de Carvalho, que me comunicou o primeiro resultado de sua investigação. Ao mesmo tempo o sr. Orville Derby procurava e encontrava no *Pluto Brasiliensis*, de Eschewege, a confirmação do que escreveram Vergueiro e Varnhagen. Daí, era natural passar à obra do sr. Calógeras.

E curioso que, na relação agora traduzida, Beyer não faça à fábrica de ferro de Ipanema senão referências ligeiras e impessoais, não lhe concedendo mesmo extensão maior nas suas notas do que a outras coisas que descreve. O motivo da sua viagem ao Novo Mundo, é natural que ele o ocultasse sob as observações de homem fino e culto, interessado em quanto examina e em quanto admira. O otimismo característico dessas observações fica agora plenamente explicado. Nada há como uma dívida cobrada para fazer ver tudo cor de rosa. Rio, dezembro de 1907.

(De "O Estado de S. Paulo", de 10 de dezembro de 1907)